

## Uma universidade entre 200

Rogério L. Furquim Werneck\*

No final do ano passado, o suplemento de educação superior do *Times* de Londres publicou pela primeira vez ranking das 200 melhores universidades do mundo. Em 11/2/2005, neste mesmo espaço, tive oportunidade de analisar a lista das universidades selecionadas e lamentar que dela não constasse qualquer instituição brasileira. Pois acaba de sair o ranking do *Times* de 2005. E dele agora consta a Universidade de São Paulo (USP), classificada em 196<sup>o</sup> lugar. Embora a ausência de universidades brasileiras na lista de 2004 tenha passado quase despercebida, a inclusão da USP no ranking de 2005 teve boa repercussão na mídia, inclusive no **Estado**. Tanto melhor. A notícia talvez enseje discussão mais do que necessária sobre a importância de ter no País uma rede de universidades de classe mundial.

A lista do *Times* é baseada em seis indicadores um tanto simplistas que podem dar lugar a infundáveis discussões. Embora isso não chegue a desqualificar o ranking, é bom ter em mente as limitações dos critérios de classificação, apesar do esforço de aprimoramento da metodologia utilizada no ano passado. A melhor evidência dessas limitações é a volatilidade que se pode observar na classificação, ao se comparar o ranking de 2005 com o de 2004. Talvez o caso mais impressionante seja o da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), única instituição latino-americana incluída na lista de 2004, em 195<sup>o</sup> lugar. No ranking de 2005, a Unam avançou nada menos do que 100 posições na lista, passando a ocupar o 95<sup>o</sup> lugar. Há muitos outros casos, ainda que não tão contundentes, de mudanças significativas de classificação. Entre as dez primeiras instituições, a mudança mais notável é a reclassificação da *École Polytechnique* do 27<sup>o</sup> para o 10<sup>o</sup> lugar, ocupado em 2004 pelo Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, agora reclassificado em 21<sup>o</sup> lugar. Cambridge e Oxford são as outras duas instituições européias classificadas entre as dez primeiras. As sete restantes são norte-americanas. A lista das 200 instituições está disponível em <http://www.estadao.com.br/educando/>. O relatório completo, com todo o conjunto de tabelas, pode ser obtido em <http://www.thes.co.uk/worldrankings/>.

A Unam e a USP são as duas únicas universidades latino-americanas. Mas a lista contém 21 instituições de países em desenvolvimento asiáticos. Da China, há nada menos do que 10 universidades, quatro delas de Hong Kong. Entre as três instituições da Índia, está o Instituto Indiano de Tecnologia, classificado em invejável 50<sup>o</sup> lugar. Há ainda três universidades da Coreia do Sul e duas de Cingapura. As outras três são da Malásia, Taiwan e Tailândia. Mesmo tendo em conta todas as falhas que o ranking certamente tem, não há a menor dúvida de que o Brasil aparece mal na foto.

É mais do que natural que seja a USP a primeira universidade brasileira a ser incluída no ranking do *Times*. A inclusão ocorre exatamente quando a instituição está envolvida em amplo debate, ensejado pela escolha do novo reitor, no qual vem afinal sendo suscitado com mais insistência o desafio de transformar a USP em uma verdadeira universidade de classe mundial. O mesmo debate, contudo, vem também deixando exposta a real extensão das dificuldades que a mais completa e proeminente das universidades brasileiras vem enfrentando ao cumprir 70 anos. São problemas que não deixam margem a ilusões sobre o gigantesco esforço que terá de ser empreendido para que esse desafio seja enfrentado com sucesso.

Apesar das sérias limitações de financiamento com que lida a USP, continua havendo grande resistência às formas mais óbvias de diversificação e ampliação das fontes de recursos da instituição. De um lado, a idéia de passar a cobrar anuidade dos alunos que possam pagá-la não tem encontrado passagem. De outro, as possibilidades de um esforço mais determinado de captação de recursos do setor privado parecem restritas, em decorrência da permanente ameaça de contestação da legitimidade da atuação das fundações que administram tais recursos dentro da universidade. O sistema universitário do País teria muito a ganhar se a USP, mais uma vez pioneira, soubesse superar tais impasses, abrindo caminho para financiamento mais farto que passe ao largo da simples ampliação de dotações orçamentárias.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, doutor pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.